



PONTIFICIA
UNIVERSITÀ
GREGORIANA

Istituto di Antropologia



***English Version**

John 5:17-30

(March 18th 2026)

If you are a church employee, whether as a lay person or a priest, can you at the same time be a serious safeguarder who fights against abuse and for the investigation of such cases within the church's area of responsibility, and who is committed to prevention? Are you not too dependent and do you not have to be too considerate to be able to act seriously as a safeguarder? This question cannot be answered in general terms, as the circumstances vary too greatly and too many factors play a role. However, one thing can be said with certainty. Much depends on the quality of one's own motivation, which in turn depends on what one understands as a member of the Church, as a believing Christian, to be following Christ. Jesus provides an important clue for this in today's Gospel when he points out these two things. First, "The Son can do nothing of himself" (Jn 5:19). The relationship between the Son and the Father is necessary. And second, "It is not my will that I will, but the will of him who sent me" (John 5:30). So it is not about one's own convenience or personal interests.

For safeguarding officers, who as believers follow Christ in the context of the Church and work on behalf of people who have been affected by abuse or are at risk of it, this means, on the one hand, the need to continually focus on God and his Son in prayer and other forms of lived spirituality. Only in this way can the true motivation, which for Christians is based on Jesus' unambiguous commitment to vulnerable people, be maintained in the face of frustrations, setbacks, and conflicts in safeguarding. On the other hand, keeping Jesus' commitment and will in mind helps to ensure that one's own motivation for safeguarding does not become excessive and negative. Safeguarding does not mean taking revenge on perpetrators in the name of victims; giving in to personal animosity towards perpetrators and publicly humiliating them; settling personal scores with people by accusing them of involvement in abuse without adequate evidence; or destroying everything that exists with doggedness and a certain stubbornness and wanting to rebuild everything from scratch according to one's own ideas.

If one were to be tempted to do so, then, according to today's Gospel, the voice of the safeguarder would be unable to do exactly what a Christian voice, in imitation of Jesus Christ, should be able to do. On the one hand, it should call to life, or bring to life, and on the other hand, it should call to judgment, or administer justice (Jn 5:29). It cannot administer justice if it itself is attached to

All rights reserved IADC

IADC - Interdisciplinary Studies on Human Dignity and Care

Villa Malta Via di Porta Pinciana 1, 00187 Rome Italy

Tel. +39 0683653084 – iadc@unigre.it

www.iadc.unigre.it

injustice. Nor can it call people to life if it does not initiate positive developments, enable further communication, create community, and point to new perspectives. Those who act in this way do not help people out of the graves into which they, like the victims of abuse, have been pushed by others or which they, like the perpetrators, have dug for themselves.

These graves represent paralysis, absolute speechlessness, isolation, and darkness.

In the Christian tradition, the voice of the safeguarder is directed at the perpetrators and clearly names the wrongdoing they have committed. This enables the perpetrators, among others, to deal with it appropriately. The voice of the safeguarder reminds perpetrators and those who cover up their actions of their responsibility, and demands reparation, atonement, and repentance. With regard to the needs and requirements of those affected by abuse, the voice of the safeguarder stands for direct, respectful exchange with those affected. It is a voice of solidarity with regard to the demands and necessities of direct and concrete support for those affected. It reminds them of their dignity, which God has promised them unbreakably, supports them in their demand for justice, tells them about God's encouraging stories of salvation, and calls on the churches to show compassion to those affected, in accordance with the principle in 1 Corinthians 12:26 that when one member of the body of Christ suffers, the whole body suffers.

The Christian voice in the context of all efforts to achieve adequate safeguarding can achieve a great deal and is an enrichment. However, all this has one essential prerequisite. It must be shaped by honest and consistent discipleship of Jesus Christ.

Questions

How can I ensure that, as a safeguarder, I do not forget that it is not about my will? What can I do to ensure that I do not appear frustrated and dogged in my service as a safeguarder, nor become so?

Prayer

Lord Jesus Christ, you have words of eternal life. Grant us the wisdom and insight to always find the right words in our service as safeguarders in your footsteps.

***Versão em português**

João 5:17-30

(18 de março de 2026)

Se você trabalha na Igreja, é possível manter um compromisso com ela e, ao mesmo tempo, agir com firmeza contra abusos, investigando e prevenindo esses casos? Ou essa proximidade torna difícil agir com independência e rigor?

Não existe uma resposta única para essa questão, pois as circunstâncias variam e muitos fatores estão em jogo. No entanto, uma coisa é certa: tudo depende da motivação pessoal. E essa motivação está ligada à forma como cada cristão compreende o seguimento de Cristo.

O Evangelho de hoje destaca dois pontos essenciais. Primeiro: «O Filho não pode fazer nada por si mesmo» (Jo 5,19). Isso mostra a relação fundamental entre o Filho e o Pai. Segundo: «Não procuro fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou» (Jo 5,30). Ou seja, não se trata de interesses pessoais, mas de fidelidade a Deus.

Para aqueles que trabalham com *safeguarding* na Igreja - protegendo pessoas vulneráveis e representando vítimas ou pessoas em risco - isso implica duas atitudes fundamentais.

Por um lado, é necessário manter uma ligação constante com Deus, através da oração e da vida espiritual. Só assim é possível preservar uma motivação autêntica, inspirada no compromisso de Jesus com os mais vulneráveis, mesmo diante de frustrações, dificuldades e conflitos.

Por outro lado, essa mesma referência a Jesus ajuda a evitar desvios na prática. O *safeguarding* não significa agir movido por vingança, nem alimentar animosidade pessoal contra agressores. Também não significa fazer acusações sem provas, nem destruir tudo de forma impulsiva para reconstruir segundo ideias próprias.

Se alguém agir assim, a sua voz deixará de ser verdadeiramente cristã. Segundo o Evangelho, essa voz deve ser capaz de duas coisas: dar vida e promover a justiça (cf. Jo 5,29).

Não há verdadeira justiça quando ela está ligada à injustiça. E não se pode dar vida sem abrir caminhos de diálogo, reconstrução e esperança. A ação do defensor (que preferimos chamar de 'safeguarder') deve ajudar as pessoas a sair das "sepulturas" em que se encontram - sejam elas vítimas, marcadas pelo sofrimento, ou perpetradores, presos às suas próprias ações. Essas sepulturas representam silêncio, isolamento e escuridão.

Na tradição cristã, a voz do *safeguarder* é clara e responsável. Ela nomeia as injustiças cometidas, chama os agressores à responsabilidade e exige reparação, arrependimento e mudança. Ao mesmo tempo, essa voz está ao lado das vítimas. Promove um diálogo respeitoso, responde às

suas necessidades concretas e reafirma a sua dignidade, que é inalienável. Apoia a sua busca por justiça e recorda-lhes a esperança presente na ação de Deus.

Além disso, chama a Igreja à compaixão, lembrando que, como diz 1 Coríntios 12,26, quando um membro sofre, todo o corpo sofre com ele. A voz cristã, no trabalho de proteção, pode ser profundamente transformadora. No entanto, isso só é possível se estiver enraizada num seguimento sincero e coerente de Jesus Cristo.

Perguntas

Como posso garantir que, no meu serviço de *Safeguarding*, eu não me esqueça de que não se trata da minha vontade? O que posso fazer para não parecer - nem me tornar - frustrado ou obstinado no exercício desta missão?

Oração

Senhor Jesus Cristo, tu tens palavras de vida eterna. Concede-nos sabedoria e discernimento para sabermos encontrar sempre as palavras certas no nosso serviço de *Safeguarding*, seguindo os teus passos.

Versión en español

Jn. 5, 17-30

(18 de marzo de 2026)

Cuando alguien trabaja para la Iglesia, ya sea como laico o como sacerdote, ¿puede estar a la vez realmente comprometido con el *safeguarding* en la lucha contra los abusos, la investigación de los casos y la prevención dentro de la propia Iglesia? ¿No está demasiado condicionado y tiene que guardar demasiadas consideraciones como para ejercer seriamente esta tarea? No se puede responder a esta pregunta de forma general y rápida. Hay circunstancias diversas y entran en juego muchos factores. Pero hay algo que puede afirmarse con total claridad: depende mucho de lo auténtica que sea la propia motivación, que a su vez depende de lo que uno —como miembro de la Iglesia y como cristiano creyente— entiende por seguir a Cristo. Jesús deja una pista fundamental en el Evangelio de hoy al señalar dos aspectos. En primer lugar: «El Hijo no puede hacer nada por su cuenta» (Jn. 5,19). Es decir, se necesita la relación entre el Hijo y el Padre. Y, en segundo lugar: «No busco mi voluntad, sino la voluntad del que me envió» (Jn. 5,30). No se trata, pues, ni de la propia comodidad ni de intereses personales.

Para quienes trabajan en el *safeguarding* —que como creyentes que siguen a Cristo se comprometen con las víctimas de abuso o en riesgo de sufrirlo, — esto implica dos cosas. Por una parte, la necesidad de orientarse constantemente hacia Dios y su Hijo a través de la oración y otras formas de espiritualidad vivida. Solo así se mantiene la motivación real que, para los cristianos, se fundamenta en el compromiso inequívoco de Jesús con las personas vulnerables, incluso en medio de las frustraciones, reveses y conflictos que puedan surgir. Por la otra parte, recordar el compromiso y la voluntad de Jesús nos ayuda a que la propia motivación no se desborde ni se vuelva negativa. El *safeguarding* no consiste en vengarse de los agresores supuestamente en nombre de las víctimas, ni en dejarse llevar por animosidades personales hacia ellos y humillarlos públicamente. Tampoco consiste en saldar cuentas pendientes con otras personas insinuando su implicación en los abusos sin poder demostrarlo, ni en destruir con obstinación todo lo existente para reconstruirlo según el propio criterio.

Si nos dejáramos llevar por ello, entonces, según la imagen del Evangelio de hoy, la voz de quien trabaja en *safeguarding* no podría hacer aquello que una voz cristiana está llamada a hacer, siguiendo el ejemplo de Jesucristo. Por un lado, llamar a la vida, dar vida; y por otro, llamar al juicio, impartir justicia (Jn. 5, 29). Quien actúa desde la injusticia, no puede impartir justicia. Y tampoco puede llamar a la vida quien no impulsa procesos positivos, no favorece una comunicación auténtica, no crea comunión ni abre caminos de esperanza. Quien actúa así no ayuda a nadie a salir de los sepulcros en los que otros los han arrojado —como a las víctimas— o que ellos mismos han cavado —como los agresores—. Esos sepulcros representan la parálisis, el silencio absoluto, el aislamiento y la oscuridad.

En la tradición cristiana, la voz de quien trabaja en *safeguarding* se dirige hacia los agresores y señala claramente la injusticia cometida. Esto permite, entre otras cosas, que los propios agresores puedan afrontar adecuadamente lo que han hecho. Esa voz de quien trabaja en *safeguarding* recuerda a los agresores y a quienes encubrieron los hechos su responsabilidad y exige reparación, expiación y arrepentimiento. Teniendo en cuenta las necesidades y las circunstancias de las víctimas, la voz de quien trabaja en *safeguarding* promueve un diálogo directo y respetuoso con ellas. Es una voz que se solidariza con sus demandas y necesidades de apoyo concreto y efectivo. Les recuerda la dignidad que Dios les ha otorgado de manera irrevocable, las sostiene en su búsqueda de justicia, anuncia las alentadoras historias de salvación de Dios y exhorta a las comunidades a mostrar compasión hacia ellas, según el principio de 1 Cor. 12,26 —«si un miembro sufre, todos sufren con él».

La voz cristiana, en el contexto de los esfuerzos por garantizar que el *safeguarding* sea adecuado, puede hacer mucho y supone una verdadera riqueza. Sin embargo, todo ello con un requisito fundamental: debe dejarse moldear por el seguimiento sincero y coherente de Jesucristo.

Preguntas

¿Cómo puedo asegurarme de no olvidar, en mi tarea de *safeguarding*, que no se trata de mi voluntad? ¿Qué puedo hacer para no caer —ni ahora ni con el tiempo— en la frustración o en una actitud obstinada en este servicio?

Oración

Señor Jesucristo, tú tienes palabras de vida eterna. Concédenos la sabiduría y el discernimiento necesarios para encontrar siempre las palabras adecuadas en nuestro servicio de *safeguarding*, siguiendo tus pasos.

***Versione italiana**

Gv 5,17-30

(18 marzo 2026)

Chi lavora per la Chiesa, laico o sacerdote, può essere contemporaneamente un vero *safeguarder*? Può cioè, nell'ambito delle proprie responsabilità all'interno della Chiesa, combattere gli abusi, impegnarsi a far luce sui casi avvenuti e promuove la prevenzione? Per agire seriamente in questo ruolo, servirebbe forse una maggiore indipendenza e oggettività? Non è facile rispondere in modo generico: le circostanze possono essere molto diverse e i fattori in gioco molteplici. Una cosa però è certa: molto dipende dalla qualità della propria motivazione. Questa, a sua volta, dipende da ciò che significa, per un membro della Chiesa e per un credente, seguire Cristo. Un indizio fondamentale ci viene offerto da Gesù nel Vangelo di oggi, quando afferma: «Il Figlio non può fare nulla da sé» (Gv 5,19), a indicare che il rapporto tra il Figlio e il Padre è imprescindibile; e ancora «Non è la mia volontà che io voglio, ma la volontà di colui che mi ha mandato» (Gv 5,30), a sottolineare che non segue la sua volontà o i propri interessi personali.

Per i *safeguarder* che, come discepoli di Cristo, si impegnano nella Chiesa a favore delle vittime e dei vulnerabili, significa innanzitutto la necessità di affidarsi costantemente a Dio e a suo Figlio attraverso la preghiera e una spiritualità concreta. Solo così è possibile mantenere viva una motivazione che, per i cristiani, si fonda sull'impegno inequivocabile di Gesù verso i più fragili, resistendo a frustrazioni, battute d'arresto e conflitti che il *safeguarding* inevitabilmente comporta. Inoltre, restare ancorati all'impegno e alla volontà di Gesù contribuisce a evitare che la propria motivazione a favore del *safeguarding* diventi sproporzionata e negativa. Fare *safeguarding*, infatti, non significa cercare vendetta contro i colpevoli in nome delle vittime, né cedere ai propri rancori personali o umiliarli pubblicamente. Non significa risolvere conti privati insinuando coinvolgimenti in casi di abuso, senza prove adeguate; né tantomeno distruggere con ostinazione e una certa testardaggine quanto esiste e ricreare tutto da zero secondo le proprie idee.

Se cedessimo a queste tentazioni, la voce del «*safeguarder*» non sarebbe più quella di un cristiano che segue Gesù. La sua voce dovrebbe, da un lato, richiamare alla vita e, dall'altro, richiamare al giudizio, ovvero rendere giustizia (Gv 5, 29). Ma non si può rendere giustizia se si è macchiati dall'ingiustizia, né si può chiamare alla vita se non favoriscono sviluppi positivi, una comunicazione profonda e la costruzione di una comunità. Chi agisce con astio non aiuta le persone a uscire dalle tombe in cui (come vittime) sono state spinte o che si sono scavate da sole (come responsabili). Tombe che significano paralisi, mutismo, isolamento e oscurità.

Nella tradizione cristiana, la voce del *safeguarder* denuncia con trasparenza le azioni criminali. Questo permette ai responsabili, tra le altre cose, di affrontare la realtà delle proprie colpe. Il *safeguarder* ricorda loro, e a chi tenta di coprirli, le proprie responsabilità esigendo riparazione,

espiatione e pentimento. Contemporaneamente, si occupa dei bisogni e delle esigenze delle vittime, promuovendo uno scambio diretto e rispettoso. Con la sua voce esprime solidarietà alle richieste e alle necessità di un sostegno diretto e concreto per le vittime. Ne sostiene la dignità e la sete di giustizia, ricordando le incoraggianti storie di salvezza e invitando le Chiese alla compassione, perché «se un membro del corpo soffre, tutto il corpo soffre» (1 Cor 12,26).

La voce cristiana, se inserita in un contesto di tutela autentica, può ottenere grandi risultati e rappresenta un arricchimento. Tuttavia, perché questo accada, deve essere animata da discepoli che seguano Gesù con onestà e coerenza.

Domande

Nel mio ruolo di *safeguarder*, come posso assicurarmi che non sia la mia volontà a prevalere? Cosa posso fare per evitare che il mio servizio diventi un esercizio di frustrazione e intransigenza?

Preghiera

Signore Gesù Cristo, tu che hai parole di vita eterna: concedici la saggezza e il discernimento necessari per trovare sempre le parole giuste nel nostro servizio di *safeguarding*, seguendo fedelmente le tue orme.